

Vandalismo prejudica reflorestamento de morros

Foto de Chico Guedes

Foto de José A. Magnag

Peter Falcão

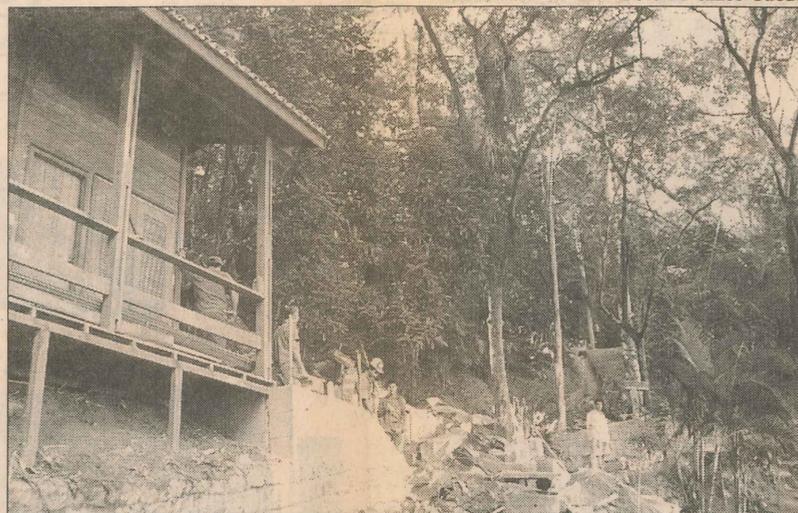
O vandalismo dos moradores é o maior obstáculo da Prefeitura de Vitória para a manutenção do seu projeto de arborização dos bairros e reflorestamento das encostas dos morros, que envolve cerca de 60,26 hectares e prevê para este ano investimentos de aproximadamente R\$ 80.000,00, em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce. Em recente vistoria, realizada por técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), foi constatado que em quase todos os morros atendidos ocorre, em um curto período, a destruição da maior parte das mudas plantadas, além do depósito indiscriminado de lixo.

Um dos locais mais difíceis para colocar em prática o projeto de reflorestamento é o Morro do Romão. As primeiras mudas foram plantadas em 1988 e atualmente a área de replantio corresponde a 3,23 hectares. No início deste ano foi desenvolvida atividade de enriquecimento do solo. Entretanto, conforme avaliação da vistoria, devido à estiagem prolongada, às ações de vandalismo e até mesmo criação de gado no local, houve um significativo número de mudas destruídas, fazendo com que houvesse necessidade do replantio de aproximadamente 80% das mudas introduzidas. As mudas foram destruídas principalmente em função dos incêndios, na maioria das vezes, provocados pelos próprios populares.

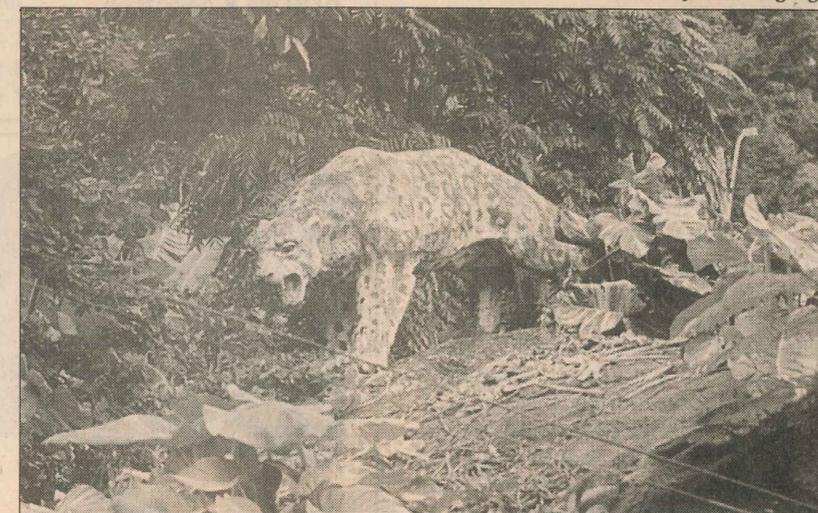
No morro do Forte São João, devido "a intensas ações de vandalismo", a maior parte das 600 mudas plantadas foi destruída, necessitando de replantio em uma área de aproximadamente 0,44 hectares. No Morro do Cruzamento, onde no início do ano foram reiniciadas atividades de plantio e enriquecimento, foi constatada a necessidade de replantio, em uma área de 3,68 hectares, além da retirada de lixo que acumula no local.

O secretário Jarbas Ribeiro de Assis Júnior disse que os atos de vandalismo ocorrem principalmente em função da falta de educação ambiental dos moradores, que alegam que o plantio de árvores favorece, entre outras coisas, o aumento da marginalidade no local. "As árvores, na avaliação dos populares, diminui a visibilidade e favorece a ação dos ladrões", comentou.

Ele acredita que uma das formas de combater a depredação é desenvolver campanhas educativas, além de monitoramento técnico constante e fiscalização. Jarbas alertou que os desabamentos recentes ocorridos na Bahia e em Pernambuco foram provocados pelos desmatamentos e acredita que os morros de Vitória podem sofrer problemas da mesma ordem, futuramente, se as comunidades não tomarem alguns cuidados, principalmente em relação ao lixo despejado irresponsavelmente em terrenos baldios ou em áreas em processo de reflorestamento.



Além das novas instalações, o Parque Gruta da Onça ganhou duas trilhas



Para perpetuar a lenda da onça, seus personagens viraram monumentos

Gruta da Onça terá praças e orquidário

A lenda conta que, em meio à floresta, existia uma grande gruta de onde brotava uma fonte de águas límpidas. Certo dia, um índio tentou se abrigar no local e ao procurar beber a água da fonte viu refletida na água a imagem de uma enorme onça pronta para o ataque.

Apavorado, o índio fugiu correndo em direção ao mar e desde então a onça passou a ser guardiã da gruta, continuando a viver em seu interior. Para perpetuar esta lenda, seus personagens foram transformados em monumentos, estando a onça no alto das pedras que formam a gruta, e o índio, que pode ser visto na Avenida Beira-Mar, próximo ao Morro do Penedo.

As novas instalações do Parque

Municipal Gruta da Onça serão inauguradas no próximo dia 5, às 9 horas, pela Prefeitura de Vitória, em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. As obras iniciadas há um ano custaram cerca de R\$ 200 mil e foram viabilizadas através de um convênio entre a Prefeitura e a Companhia Siderúrgica Tubarão (CST).

O parque, que tem área total 68.914 metros quadrados, terá agora cinco praças, uma capela ecumênica, um orquidário, uma sede administrativa com auditório para 40 pessoas e um playground. Foram recuperadas nascentes e fontes d'água e pavimentadas duas trilhas— uma de aventura (na qual só maiores de 14 anos podem passar) e outra secundária, de

passeio (aberta ao público em geral).

Com as novas instalações, o parque sediará minicursos, palestras, mostras de vídeos e terá ainda visitas monitoradas. O convênio da CST com a Prefeitura foi assinado no Dia Mundial do Meio Ambiente do ano passado. A abertura das comemorações do próximo dia 5 será feita pelo prefeito Paulo Hartung. Diversas atividades festivas vão marcar a inauguração a partir das 10h20m na Gruta da Onça e das 7h30m às 19 horas no Parque Municipal do Horto de Maruípe.

O parque da Gruta da Onça foi criado na década de 1820 nas terras do Barão de Monjardim, entre os morros do Vigia e da Capxaba. Ele

foi reformado pela primeira vez em 1988. Conta a lenda que, em meio à floresta, existia uma grande gruta de onde brotava uma fonte de águas límpidas. Certo dia, um índio tentou se abrigar no local e ao procurar beber a água da fonte viu refletida na água a imagem de uma enorme onça pronta para o ataque.

Apavorado, o índio fugiu correndo em direção ao mar e desde então a onça passou a ser guardiã da gruta, continuando a viver em seu interior. Para perpetuar esta lenda, seus personagens foram transformados em monumentos, estando a onça no alto das pedras que formam a gruta, e o índio, que pode ser visto na Avenida Beira-Mar, próximo ao Morro do Penedo.

Projeto é exemplo de integração

Uma área de aproximadamente 90.000 metros quadrados foi totalmente recuperada no Bairro Santa Cecília, em Vitória, com o replantio, em dez anos, de 12.000 mudas de plantas nativas da região. O projeto, o primeiro a ser desenvolvido pela Prefeitura para a contenção de encostas, é um exemplo de relação harmoniosa entre comunidade e meio-ambiente.

Mas não foi sempre assim. De acordo com o coordenador do projeto, o biólogo Roberto Brito, 48 anos, no começo das atividades eram constantes as queimadas e a devastação da natureza. Tanto que 98% da área estavam totalmente devastadas. No local havia somente 30 árvores, de sete espécies e poucos registros de vida animal.

Atualmente, com o replantio de árvores nativas, existem no local 21 espécies de árvores, mais de dez delas frutíferas e nada menos que 12.000 mudas de plantas. O projeto

foi iniciado no dia 10 de junho de 1986, alguns meses depois do desmoronamento do Morro do Macaco, em Tabuazeiro, que causou a morte de mais de 20 pessoas.

Sem utilização de agrotóxicos, Roberto Brito recuperou quase todas as espécies oriundas da região e introduziu novas espécies, adquirindo mudas de biólogos, paisagistas e até mesmo de simples amantes da natureza: "Do historiador Renato Pacheco ganhei 15 mudas de algaroba, planta comum no Nordeste", lembrou.

O projeto tem custo mínimo. A água para regar as plantas vem de uma nascente recuperada e até canalizada. O adubo vem das folhagens adquiridas após a poda das árvores e a roçagem do capim. Com o replantio, voltaram algumas dezenas de espécies de pássaros. As queimadas, contudo, dizimaram a fauna terrestre. Apenas lagartos são encontrados no local.

Fundação Ruschi promove debate

A Fundação Augusto Ruschi (FAR) promoverá de 3 a 6 deste mês, dentro das comemorações da Semana do Meio Ambiente, a I Semana Augusto Ruschi. O evento tem como finalidades lembrar a passagem dos dez anos de morte do cientista capixaba, (ocorrida em 3 de junho de 1986) e discutir com a população "os rumos que o Estado vem tomando em relação ao meio ambiente".

A semana será aberta no dia 3 no auditório do Centro de Artes e na Biblioteca Central da Ufes. No auditório acontecerá uma exposição sobre a vida e o legado científico de Augusto Ruschi e na biblioteca uma exibição de vídeos e mostra de projetos da fundação. Está programado ainda a exibição, no cine Metrôpolis, do filme Amazônia em Chamas, que retrata a luta do ecologista Chico Mendes. Logo em seguida haverá um debate.

Falarão na abertura do evento sobre

a vida de Augusto Ruschi, a viúva do cientista e vice-presidente da fundação, Maria Cláudia Campos Ruschi e Dilma Marangoni Ruschi, diretora executiva da instituição. Em seguida o professor do curso de pós-graduação em ecoturismo da Universidade de Vila Velha, Almir Bressan Júnior, fará uma palestra sobre o impacto e a gestão ambiental. No dia 4 o orquidófilo Érico de Freitas fará palestra sobre as experiências com orquídeas. No dia 5, Dia Mundial do Meio Ambiente, quem fará palestra será a educadora ambiental da Aracruz Celulose, Ivone Amâncio Bezerra. O tema será a visão holística do meio ambiente.

Para fechar a semana tomarão posse no dia 6, às 19h30m, no auditório da Rede Gazeta, os membros do Conselho de Honra da Fundação Augusto Ruschi. A cerimônia será aberta ao público e terá participação da orquestra de Câmara da Ufes.

50 anos dedicados à pesquisa

O cientista Augusto Ruschi morreu de insuficiência hepática, às 13h10m do dia 3 de junho de 1986. Tinha 71 anos e sofria de cirrose hepática desde 1974. O seu sepultamento foi na reserva de Santa Lúcia, perto de uma cachoeira onde costumava passar suas tardes estudando inúmeras espécies da fauna e flora, do que restou da Mata Atlântica capixaba. Ele dedicou 50 anos de sua vida aos estudos do meio ambiente e foi o primeiro pesquisador internacional de beija-flores em cativeiro.

Ruschi entrou para a comunidade dos cientistas aos 22 anos, após ter mandado 500 caixas com percevejos para o professor Filippo Silvestri, do Reggion Laboratori di Entomologia Agrária di Portici, Nápoles. Foi detentor de 15 medalhas de ouro por trabalhos científicos. Em palestras, o cientista sempre se colocou como um defensor da ecologia.

Além das críticas sobre o exacerbado desmatamento florestal no Espírito Santo, (observando que o Estado caminha para a desertificação) não poupou os projetos industriais que aqui se implantaram na década de 70. Seus alvos prediletos eram a CST e a Aracruz Celulose.

Entre as publicações sobre o autor destacam-se a realizada por *The National Geographic Magazine*, mas foi assunto também da *Seleções do Readers Digest* e da *BBC* de Londres. Publicou em 1939, pelo IBGE, a obra "Município de Santa Teresa, Estatística, Ortografia, História", em 1979; "Aves do Brasil" e "Beija Flores do ES". Teve mais de 450 trabalhos científicos. Foi quem projetou todas as reservas florestais do ES na década de 30, conseguindo sua criação durante o Governo do interventor João Punaro Bley.